

## TRAJE ADEQUADO

*Antonio José Cavalcanti Coelho*

Fico observando Paula. Ela está adequadamente vestida. Seu semblante parece transmitir serenidade. Seu filho, Jorginho, de cinco anos, olha para ela e chora. É compreensível. A dor da perda, a dor da ausência é muito forte. Uma das coisas que mais me intriga é a análise do que é sorte ou azar. Há uma interdependência, para mim, entre ambos. Acho irritante, num velório, quando pessoas, que desabridamente desgostam de outra pessoa, procuram passar uma imagem de sofrimento. Eu não sinto isso, porque acredito que seria hipocrisia. Estou próximo do caixão, aproximo-me um pouco mais dele e não soffro. Mas devo explicar o porquê, enquanto observo Paula, devidamente trajada com um vestido preto. Lembro-me de uma vez em que ela estava com um vestido branco. Não falo da tarde de seu casamento com Estevão. Essa lembrança é de antes disso. Falo da noite no baile de formatura de sua irmã, Silvia, graduada em direito. Não acho justo, quando você está em uma festa, buscando ficar mais próximo de uma pessoa e outras vêm interferir, mas é o que mais acontece. Naquele baile, Paula trajava branco e estava linda. Ali eu me apaixonei e a partir dali soffri, porém o tempo amena ou redime. Estávamos dançando, Paula e eu, quando Silvia e Estevão, juntos a uma turma de amigos passaram por nós e arrastaram-nos para um trezinhos bêbado de confete e serpentinas. A vida oferece essas contradições, que servem também para filosofar. Ou, como disse um poeta, "a vida é momento de encontros e despedidas". E é verdade. Alguns meses depois, veio o casamento de Paula com Estevão. E mais alguns meses passados, casei-me com Silvia, no fundo um consolo. Depois, invariavelmente, vivíamos nos reunindo os quatro. Saíamos juntos para o teatro, cinema, filmes com pipocas em nossa casa ou na deles, 'barzinhos'. Essas coisas. Intervalos houveram apenas dois. Um no momento em que Paula engravidou; mas quando Jorginho tinha mais ou menos uns 10 meses de idade, voltamos a nos reunir. O outro foi quando Jorginho ficou gravemente enfermo, internado num hospital. Mas nesse intervalo, eu encontrava-me com Paula todos os dias. Ia visitá-la no hospital, enquanto ela cuidava do filho e Estevão estava trabalhando. Conversávamos sobre tudo, durante todas as tardes daqueles três meses, principalmente enquanto Jorginho dormia sob efeito de sedativos. Por um lado, graças a Deus, o garoto recuperou-se. Mas aquelas conversas, que permitiram-nos uma maior intimidade, criaram saudades. Agora, o pensamento e a situação, me permitem uma comparação que pode parecer mórbida: por que os adornos no caixão da mulher é mais cheio de flores do que no do homem? Acaso não gostamos nós, homens, também de flores? No meu caso eu diria que sim. Outro detalhe é que nem sempre o defunto masculino está bem arranjado em sua vestimenta. É uma gravata torta ou que não combina com o terno, a camisa com um colarinho desabotoado ou também destoando do traje. Eu não concordaria com isso, mas, eu sei, não depende de mim. Paciência então. Desvio o olhar para Paula novamente e me sinto reconfortado. As próprias mulheres sabem, e dizem, que sempre é necessário ter um vestido preto. Dizem que é "básico". Concordo. Mas a elegância também depende da pessoa. Nunca achei que Silvia pudesse ficar bem com um vestido negro. É claro que ela sempre foi simétrica, plástica, de beleza incontestável. Mas olhar para Paula é outra coisa. E sempre foi assim. É o tipo da mulher que me faz fazer uma confissão: eu toparia trocar meu voto por um Viagra, como no caso do médico que fazia campanha política para dois candidatos, fornecendo Viagra para eleitores do Piauí, se eu encontrasse Paula e tivesse dificuldades de ereção. Mas nunca foi meu caso. Pelo menos até agora. Esse momento anedótico se esvai e fico pensando, como qualquer ser humano ao longo dos séculos, no que é a morte. Seria definitiva ou apenas uma passagem? Essa pergunta me parece também verdadeira quanto à vida. Mais coisas que são interdependentes. Como eu dizia sobre sorte ou azar. Um casal num carro, despreocupado pela repetição dos encontros, num cansaço feliz, que sai de um motel, neste exemplo, na alegria da parceria oculta, pode ficar distraído. Há sorte ou azar nesse momento? Eu só posso dizer, pela experiência de vida, que depende. Chamamos de distração, tanto o divertimento, quanto a falta de atenção. Assim, na saída do motel "Class One", na Avenida Marginal, um caminhão colheu o automóvel, matando na hora Estevão e Silvia. E agora, diante do velório e choro de parentes e amigos dos dois, olho para Paula e acredito na possibilidade da sorte de um amor feliz.